

PELA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA:

O valor das narrativas históricas na (re)construção do passado

*Jailson Costa da Silva*¹

*Marinaide Lima de Queiroz Freitas*²

RESUMO: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada no período 2011-2012, que teve como foco situar, após quatro décadas, os impactos / contribuições do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) na formação dos sujeitos sertanejos. Neste artigo, temos como objetivo apresentar aos leitores as contribuições das narrativas memorialísticas dos sertanejos de Santana do Ipanema – Alagoas, partícipes das ações do MOBRAL no período de 1970 a 1985. O *corpus* constituiu-se a partir das narrativas advindas de entrevistas semiestruturadas. Devido à ausência de memória escrita recorreremos, à abordagem qualitativa da história oral, tendo como base Bosi (1994), Halbwachs (2006), Pollak (1989), Portelli (1997) e Thompson P. (1992). Enfatizamos a importância da memória para a evocação do passado silenciado, pela ótica das pessoas que de fato vivenciaram o acontecimento, no caso os sujeitos desta investigação. Esse posicionamento de luta pela preservação da memória, no intuito de reinterpretar o passado por meio dos vestígios de memória, advém do pressuposto de que os fatos que não foram registrados pelos documentos oficiais têm, no testemunho oral, a oportunidade de serem contados por meio das narrativas dos sujeitos ordinários e anônimos das culturas minoritárias Certeau (2011a e b), Benjamin (2012) Thompson, E. P. (1998). As pessoas entrevistadas avaliaram de maneira positiva a atuação do Movimento no município de Santana do Ipanema – sertão alagoano, destacando com saudosismo as contribuições advindas das ações de alfabetização e outras, que foram implementadas pelo MOBRAL na comunidade sertaneja.

PALAVRAS-CHAVE: MOBRAL; História oral; Memória; Sertão alagoano; Sujeitos sertanejos.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Linha de pesquisa: História e Política da Educação. Membro do Grupo de Pesquisa MULTIEJA. E-mail: jailsonsandes2009@bol.com.br

² Professora da Graduação em Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação Brasileira – CEDU/UFAL. Líder do grupo de pesquisa MULTIEJA. E-mail: naide12@hotmail.com

Considerações iniciais

[...] entre as narrativas escritas,
as melhores são as que menos se
distinguem das histórias orais contadas
pelos inúmeros narradores anônimos.

Walter Benjamin
O narrador

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado que envolveu o período 2011-2012 e que teve como foco situar após quatro décadas, os impactos/contribuições do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)³ na formação dos sujeitos sertanejos.

Fez parte de um contexto mais amplo, que diz respeito aos Centros de Referência e Memória de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e sua continuidade em formação de doutorado, articulando-se em rede na interlocução de pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por meio do Programa Capes PROCAD/Casadinho.

Os Centros de Referência e Memória constituíram-se como política pública da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC)⁴, nos anos 2008-2010, acolhidos como tal a partir de projeto submetido à Secretaria por pesquisadores do Rio de Janeiro/UERJ.

Durante a vigência da SECAD, muitas ações foram desenvolvidas e financiadas a núcleos de universidades desejosos de resgatarem a memória dispersa de ações populares e de EJA em todo o país. Resgatar a memória constituía, assim, o primeiro passo para (re)construir a história, que no caso da educação popular e da EJA nem sempre fizeram parte dos registros da história da educação brasileira.

³ O MOBRAL surgiu inicialmente como Fundação amparada pela Lei n. 5.379 de 15 de dezembro de 1967. Era originalmente financiado por recursos provenientes da Loteria Esportiva e da indicação de até 2% do Imposto de Renda devido por pessoas jurídicas. Em momento posterior, seus recursos limitam-se ao Imposto de Renda, nas mesmas regras anteriores.

⁴ A SECAD passou a incluir, no mandato da presidente Dilma Rousseff, a dimensão da inclusão, ganhando a letra I como sua indicadora, e passando a constituir a SECADI.

O referido Movimento foi criado pelo governo militar em 1967 e implementado em 1970, inicialmente, apenas, com um Programa de Alfabetização Funcional (PAF), que perdurou até 1985⁵. O Programa em questão tinha em suas ações o objetivo de proporcionar aos adolescentes e adultos analfabetos a alfabetização funcional, tendo como base o ensino da leitura e da escrita de forma técnica, com a intenção de possibilitar em curto espaço de tempo a participação dos sujeitos alfabetizando, no desenvolvimento produtivo do país.

E “devendo contribuir não apenas para o fortalecimento eleitoral do partido governista, mas também para neutralizar eventual apoio da população aos movimentos de contestação do regime, armados ou não” (PAIVA 2003, p.337). Sendo, portanto, como afirma Jannuzzi (1987, p. 65) um “[...] investimento, como preparação de mão-de-obra para o desenvolvimento inquestionável, isto é, como estava sendo concebido pelo Modelo Brasileiro de desenvolvimento [...].”

A ausência de fontes escritas no sertão de Alagoas, para historicizarmos sobre esse Movimento, especificamente em Santana do Ipanema, leva-nos a optar pela história oral, enquanto, fonte de pesquisa, utilizando narrativas de pessoas que participaram diretamente das suas ações como: uma ex-supervisora de área, ex-alfabetizadores, e principalmente dos ex-alfabetizando do MOBREAL, na expectativa de conhecer o processo de alfabetização que participaram; os significados que eles atribuem a essa experiência de alfabetização, quatro décadas depois.

Nesse sentido, Benjamim, (2012, p.214) destaca o valor contido nas narrativas escritas que tem como base os depoimentos orais, para ele: “as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos,” dando ênfase à reinterpretação da história por meio de vozes silenciadas, partindo do pressuposto de que os fatos não registrados pela história oficial têm, na história oral, a oportunidade de serem narrados.

⁵ Em 1985, quando da chamada transição democrática iniciava-se, por eleição indireta, o retorno à democracia, a instituição MOBREAL foi extinta, dando origem à Fundação Educar, que teve objetivos e finalidades redimensionados, estrutura e vinculação com o MEC, definição de propósitos e *modus operandi*, passando a atuar em apoio e fomento a ações diretas executadas por municípios e estados.

Este texto está dividido em três partes. Na primeira enfatizamos as considerações acerca da história oral enquanto fonte de pesquisa; na segunda apresentamos reflexões sobre a importância da oralidade no processo de (re)construção do passado, enfatizando a importância da conservação da memória, sobretudo no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e na terceira parte destacamos os depoentes enquanto sujeitos de enunciação, ressaltando as contribuições das narrativas memorialísticas dos sertanejos partícipes das ações do MOBREAL nas décadas de 1970 e 1980.

A História Oral como fonte de pesquisa

A ausência de preservação com a memória escrita apaga fontes relevantes, capazes de contribuir de forma significativa na (re)construção da história. Em Alagoas, essa ausência foi denunciada em pesquisa por Moura e Freitas (2007), quando tentaram historicizar a Educação de Jovens e Adultos no estado, no período de 1960 a 1980, o que as levou a tomar a oralidade como principal aliada nesse desafio.

Na nossa investigação por razão semelhante à das pesquisadoras, a história oral desempenhou um papel de valorização e reconhecimento dos sujeitos guardiões da memória. Pessoas que puderam elucidar, por meio de suas falas, aquilo que não encontramos registrado. A utilização das fontes orais apresentou-se com o intuito de extrair da comunidade sertaneja as contribuições de quem realmente fez parte do momento histórico em foco.

No trabalho que ora enfatizamos recorreremos à abordagem qualitativa da história oral tendo como base Bosi (1994), Halbwachs (2006), Pollak (1989), Portelli (1997) e Thompson P. (1992). Partimos do pressuposto de que a não valorização dos saberes acumulados pelos que vivenciaram a história pode resultar no fim da memória.

Acreditamos, assim, estar evitando, pelo menos em parte, que memórias de sertanejos não sejam esquecidas, reconhecendo o valor implícito da história oral,

enquanto metodologia de pesquisa. Como afirma Thompson P. (1992, p. 197): “Toda fonte de história derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: deslocar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”.

A história oral possibilitou-nos, então, o enriquecimento de uma (re)construção do passado, uma vez que vozes silenciadas tiveram seu espaço, permitindo aos pesquisadores a faculdade de “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012). Por isso, que o pesquisador precisa estar consciente não só de seu papel como sujeito da pesquisa, mas também, do valor imensurável de fontes orais para a reinterpretação de fatos históricos.

A singularidade das entrevistas permitiu-nos escutar as vozes dos sujeitos sertanejos que até então não haviam tido a oportunidade de narrar suas experiências, especialmente porque não eram vistos como “sujeitos falantes”. Nesse sentido, são oportunas as palavras de Certeau (2011a, p. 222) ao considerar que “A linguagem oral espera para falar, que uma escrita a percorra e saiba o que ela diz.”

Ao tratar de relações existentes entre o oral e o escrito, E. P. Thompson (1998, p. 37) destaca que “[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole.” Troca esta que, geralmente, se dá por meio de conflitos entre distintas classes sociais.

Tendo a compreensão de que cabe ao pesquisador agir de maneira sensível ao interpretar depoimentos, concordamos com Bosi (1994, p. 21) ao destacar que “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”. Alertados pela autora, tivemos a preocupação em apresentar relatos que demonstraram condições dos sertanejos, naquele contexto. Nessa perspectiva, o entrevistado deixa de ser “objeto” passando a ser sujeito da pesquisa.

Considerando a oralidade como principal meio de comunicação na história da humanidade, acreditamos que as histórias contadas entre diversas gerações tornaram possível as ligações entre os povos, bem como a reprodução e aperfeiçoamento dos modos de sobrevivência de muitas gerações. Nesse sentido, foi nosso desejo, por

meio da oralidade, registrar as ações do MOBRAL em Santana do Ipanema, partindo da seguinte problematização: **Quais foram os impactos/contribuições das ações de alfabetização implementados pelo MOBRAL para os ex-alfabetizados do município de Santana do Ipanema/AL, no período de 1970-1985?**

Essa problematização desdobrou-se em indagações como: Qual o significado da alfabetização do MOBRAL, para os ex-alunos sertanejos? Em que contribuiu? Quais as possibilidades concretas de prosseguimento dos estudos, promovidas pelo Movimento? Se houve possibilidades de continuidade dos estudos, como se deu para os ex-alunos? Quais os empecilhos? O que fazem atualmente esses ex-alunos?

Para tanto, definimos impactos/contribuições como as mudanças que ocorreram com os sujeitos ex-alunos a partir do processo de alfabetização, considerando ou não a continuidade dos estudos e compreendendo como prosseguimento de estudos um percurso que vai da alfabetização ao ensino superior, considerando repetidas saídas e voltas desses ex-alunos.

A nossa curiosidade epistemológica em investigar os impactos/contribuições das ações alfabetizadoras do MOBRAL (1970-1985), na vida dos sertanejos, após o período de alfabetização, há mais de quatro décadas, levou-nos à cidade de Santana do Ipanema⁶, localizada no Médio Sertão⁷ alagoano.

Ao nos referirmos ao sertão de Alagoas, destacamos que é um entre os sertões e que o enxergamos na contramão daquelas pessoas que não os conhecem e disseminaram, e ainda disseminam uma visão do Norte ao Sul do país como:

Territorialidades e significações ao longo do tempo: lugar desconhecido, perigoso, bárbaro, selvagem, incivilizado, de natureza bruta, rico, pobre. Desabitado ou pouco povoado, oeste, deserto, longínquo, distante das regiões povoadas, interior, isolado, sem lei. Terra rude, áspera e árida onde

⁶ Escolhido como *locus* da investigação por apresentar já no mapeamento da pesquisa inúmeras evidências da atuação do MOBRAL no recorte histórico citado acima.

⁷ O Território do Médio Sertão de Alagoas é composto por nove municípios: Carneiros, Dois Riachos, Maravilha, Ouro Branco, Olivença, Poço das Trincheiras, Santana do Ipanema, São José da Tapera e Senador Rui Palmeira. Além das similaridades das características climáticas e econômicas entre os municípios que compõem o território do médio sertão alagoano, outro fator que merece destaque é o fato da existência de forte interligação entre estes municípios, uma vez que, apenas São José da Tapera não pertenceu politicamente ao município de Santana do Ipanema, que é caracterizado como município Polo do Médio Sertão.

sobrevivem sujeitos fortes, capazes de extrair, mesmo da falta, as condições para a sua sobrevivência. (MELO, 2006, p.81).

Isso não aconteceu e não acontece por acaso. É que o conceito de sertão, segundo Melo (2006, p. 81), foi grafado, no princípio, pelo imaginário do colonizador português, que sob o seu ponto de vista assim o caracterizava. Significou à época da colonização que o “o índio, assim como, posteriormente, o negro, escravo minerador, não eram contados como habitantes, como sujeitos”. Eles se traduziram em símbolo da barbárie, vistos como “um obstáculo ao avanço da colonização, por isso deveria ser extinto ou dominado para servir como escravo”.

Levamos em conta que o Sertão é, sobretudo, um espaço de pluralidade, pois como enfatiza Albuquerque Jr. (2014, p. 41-42). “Sabemos de antemão que o sertão já não se diz no singular, que este recorte espacial, que essa identidade regional guarda em seu interior a diferença, a diversidade, a multiplicidade de realidades e, talvez, de representações.” São estas múltiplas realidades que precisam ser contadas de forma repetitiva, objetivando a desconstrução dos estigmas propagados acerca do Sertão.

É conveniente enfatizar que essa pluralidade do Sertão, aparece com grande força na obra de Guimarães Rosa quando o autor busca desmistificar o imaginário do Sertão como um espaço geograficamente demarcado. “O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o chapadão, lá acolá é a caatinga” (ROSA, 1986, p. 458). A infinidade territorial que Guimarães Rosa busca descrever, dá ao Sertão o valor imensurável que este espaço carrega.

Ao se reportar ao Sertão descrito por Guimarães Rosa, Albuquerque Jr. (2009, p. 198), esclarece que: “O sertão em Guimarães Rosa é uma porção de lugares, uma infinidade de territórios, uma miríade de espaços, múltiplos caminhos, caminhadas, travessias, encruzilhadas, um rizoma de veredas e, ao mesmo tempo, todos os lugares e lugar nenhum.” Nessa perspectiva, consideramos ser importante, um novo olhar sobre estes múltiplos espaços e lugares formadores dos Sertões que nos circundam.

Nessa direção, coletamos dados advindos de narrativas significativas que trouxeram contribuições relevantes para o entendimento das ações alfabetizadoras do MOBRAL nas décadas de 1970 e 1980, quando os sujeitos-alunos tiveram a única oportunidade de alfabetizarem-se e/ou participarem ativamente das ações que eram implementadas à época. Fato comprovado, no que nos disse uma ex-alfabetizadora do Movimento em foco da região do sertão: “O MOBRAL trabalhou com velho, trabalhou com novo, com os empregados, com os mais carentes, com tudo”.

O relato mostra-nos que apesar do contexto de ditadura militar no qual se configuraram as ações do MOBRAL, existiu um significado muito forte na mobilização dos sujeitos jovens e adultos sertanejos, que não contavam naquele contexto histórico com a possibilidade de frequentar outros espaços de alfabetização além daqueles oferecidos pelo referido Movimento.

(Re)Construções do passado por meio da memória

A importância da memória para o repensar da história, pela ótica das pessoas que de fato vivenciaram um acontecimento, no caso os sujeitos desta investigação, ganha espaço neste item. Esse posicionamento de luta pela memória, no intuito de (re)construir o passado por meio das vozes silenciadas, advém de pressuposto de que os fatos que não foram registrados pelos documentos oficiais têm, na história oral, a oportunidade de serem contados por meio de ex-alfabetizadores, da ex-supervisora e dos ex-alunos, que são guardiões da memória do MOBRAL, na região do sertão alagoano.

Entendemos que são polêmicas as contestações acerca da legitimidade das fontes, ou seja, da fidedignidade das lembranças dos sujeitos no refazer da história, neste sentido acreditamos e concordamos com Bosi (1994, p. 37) quando diz: “A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”.

Nas análises das narrativas, sobretudo de ex-alunos, consideramos ser importante o confronto dos testemunhos, embora não tenha sido possível, na

intenção de se obter com mais clareza as informações necessárias à (re)construção da história, no caso específico a do MOBRAL, em Santana do Ipanema, que se centrou na memória individual. Não deixamos de reconhecer a importância da valorização da memória coletiva enquanto mecanismo de extrapolação individual do depoimento, como destaca Certeau (2011b) ao dizer que:

A memória não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece – uma surpresa, que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro. (p. 150).

Diante das dificuldades de reunir em grupo os ex-alunos, pelas distâncias de suas moradias e, também, pelas dificuldades de locomoção de alguns, temos consciência que perdemos a possibilidade de confrontar as memórias dos sujeitos, no momento das entrevistas realizadas, o que poderia ter oportunizado mudanças e outras descobertas, como lembra Halbwachs (2006).

Se nossa impressão pode se basear não apenas nas nossas lembranças, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. (HALBWACHS, 2006, p.29).

Nesse sentido, a história passa a ter mais veracidade, uma vez que os fatos rememorados não são mais frutos de memórias individuais, passando a fazer parte de um construto coletivo, em que os sujeitos envolvidos ajudam-se mutuamente por meio de suas lembranças.

Retomando mais uma vez os estudos de Paul Thompson, detectamos que a oralidade pode possibilitar o enriquecimento de uma (re)construção da história, pois, possibilita que as vozes silenciadas tenham o seu espaço. Segundo o autor, a história oral:

Torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. (THOMPSON, 1992, p. 26).

Seguindo esta perspectiva teórica destacamos os estudos de Pollack (1989) ao enfatizar as memórias subterrâneas, que de forma subversiva afloram no silêncio e no esquecimento das culturas minoritárias:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à 'memória oficial' [...] (POLLACK, op.cit., p. 4).

É conveniente destacar que o pesquisador precisa estar consciente do seu papel enquanto sujeito da pesquisa, e do valor imensurável das fontes orais para a reinterpretação dos fatos históricos. A partir dessa reflexão é conveniente esclarecer que, através da coleta e análise de dados o pesquisador também dá sua contribuição à história, pois, como alerta Portelli, "O resultado final da entrevista é um produto de ambos, narrador e pesquisador." (PORTELLI, 1997, p. 36).

Ou seja, as entrevistas acabam por registrar também as intenções do pesquisador/entrevistador. Para a produção de um material capaz de retratar fatos e realidades do passado sem graves distorções, é preciso que o pesquisador ao analisar os dados coletados tenha respeito às questões subjetivas dos indivíduos pesquisados, bem como a articulação entre as narrativas e os contextos de enunciação a que elas estão ligadas. A esse respeito Guedes-Pinto, Gomes e Silva (2008) salientam que:

O trabalho com a rememoração bem como as próprias interpretações que dele fazemos podem ser comparados a diferentes pedaços de tecidos que formam uma colcha composta por esses retalhos que foram reunidos através de fios que os uniram, que, em função das combinações possíveis no contexto de sua costura, produziram uma coerência. (GUEDES-PINTO; GOMES; SILVA, 2008, p. 22).

Este trabalho minucioso exigiu de nossa parte muita atenção para que as narrativas coletadas não fossem manipuladas de forma errônea e nem prejudicassem a (re)construção da história do MOBRAL, em Santana do Ipanema. Portanto, requereu também serenidade para compreendermos as escolhas narrativas de cada sujeito em entrevista. Nesse sentido destacamos a relevância da oralidade para a percepção das nuances que não são perceptíveis através da escrita.

Ou seja, aspectos que só podem ser elucidados por meio da escuta, pois como nos lembra Protelli (1997, p. 28) “A fileira de tom e volume e ritmo do discurso popular carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita [...]”. Sendo assim reiteramos o valor contido nas narrativas históricas no processo de luta pela preservação da memória.

Narrativas memorialísticas dos sujeitos sertanejos

As realizações de entrevistas semiestruturadas, nos permitiu observar aspectos subjetivos contidos nas narrativas memorialísticas dos sujeitos sertanejos, permitindo maior compreensão do que foi apresentado acerca dos fatos vividos por esses sujeitos. Essas narrativas são por nós entendidas a partir das contribuições de Bauer e Gaskel (2007), que as destacam como:

[...]infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal” (BAUER *et alli*, 2007, p. 91).

Para os pesquisadores acima (p. 91) e concordamos com eles, pois vivemos momento semelhante, por meio “da narrativa as pessoas lembram o que aconteceu; coloca as experiências em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos possíveis que constroem a vida individual e social.”

Neste sentido entendemos que a Educação de Jovens e Adultos, enquanto um campo educativo comprometido com o desenvolvimento social e intelectual dos sujeitos que não tiveram acesso ou não complementaram sua escolarização, por razões históricas e sociais, deve como princípio a valorização da memória desses sujeitos, e levar em consideração suas especificidades e, sobretudo, o lugar de fala dessas pessoas. Acreditamos que essas especificidades ao serem evidenciadas, favorecem a perspectiva de melhor entender os sujeitos sertanejos.

Destacamos a importância do respeito às peculiaridades dos sujeitos sertanejos, superando os estereótipos produzidos e reproduzidos a respeito do Sertão e das pessoas que povoam estes espaços. Entendemos que a redução dos modos de vida dos sertanejos advém da visão reducionista do Sertão enquanto um lugar incivilizado, conceito esse que recai diretamente sobre os sujeitos que habitam a região na qual as pessoas ainda são tidas como incultas “[...] ou, no máximo, lugar de uma cultura tradicional, popular, folclórica, passadista, também anacrônica, não contemporânea [...]” (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 45).

Sendo assim, entendemos que o Sertão e seus habitantes ainda são pouco conhecidos e precisam ser vistos por outras lentes que não sejam as lentes do colonialismo patriarcal. É conveniente destacar que a história do Sertão é povoada pela história dos sujeitos sertanejos que, de forma estratégica, forjam novos significados para aqueles modelos pré-estabelecidos pela história oficial.

Certeau (2011b, p. 87), enfatiza que esses fenômenos são marcados pelo uso de *estratégias e táticas*, especialmente esta segunda, em espaços cotidianos, uma vez que: “Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura **pluralidade** (grifo nosso) e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos”. A trajetória dos sertanejos revela a imprevisibilidade desses efeitos.

Para melhor entendimento das ressignificações das práticas cotidianas recorrentes na região sertaneja, tomamos como âncora essas duas categorias destacadas por Certeau (2011b) – *estratégia e tática* – que permeiam os contextos sociais nos quais os sujeitos constroem suas vivências. Ao fazer a distinção entre essas duas categorias Certeau nos ensina que “[...] as estratégias apontam para a resistência que é o *estabelecimento de um lugar* [...]; as táticas apontam para uma *hábil utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta [...]” (CERTEAU, 2011b, p.96).

As resistências apontadas pelas *estratégias* estão relacionadas a manipulação das relações de poder instituídas pela ordem social, enquanto as *táticas* são caracterizadas como armas dos homens ordinários que encontram meios de ressignificação das imposições que sofrem, buscando por meio das trajetórias táticas

novos sentidos que lhes mantêm ativos enquanto sujeitos. Sujeitos esses, capazes de perceber a fragilidade da ordem para atacar ou burlar a estrutura.

Sendo assim, destacamos a relevância da apresentação das outras dimensões da história, buscando dar visibilidade às narrativas desses sujeitos que não participaram da construção da história oficial.

Buscamos nas vozes dos sujeitos partícipes das ações do MOBRAL, a possibilidade de apresentação de outra dimensão da história, pelas vozes que não participaram da história oficial. Tomando como base escritos do filósofo Walter Benjamin - intelectual do século XX que demonstra preocupação com as micro realidades, sempre na perspectiva de rompimento com a linearidade da história. Destacamos com o autor a “[...] tarefa de escovar a história a contrapelo.” (BENJAMIN, 2012, p. 245).

Nessa perspectiva apresentamos - mesmo que de forma sucinta - as contribuições das narrativas memorialísticas de alguns sujeitos sertanejos que vivenciaram o fato histórico em estudo, enfatizando a importância dos seus testemunhos para (re)construção de uma parte da história que por algum motivo não foi registrada ou até mesmo teve seus registros perdidos devido à falta de cuidados com os arquivos públicos.

O depoimento a seguir, que se constitui em um desabafo enfatiza o descaso com os registros, o que tem nos levado a buscar na oralidade o apoio para (re)construção da história do MOBRAL após 40 anos: “Olhe. Aqui em Santana do Ipanema, todo material foi mandado pra um depósito, não só do MOBRAL como dos funcionários antigos... Um depósito; até depois disseram que queimaram, mas eu acho que é história.” (EX-SUPERVISORA DO MOBRAL).

Apresentamos a seguir, dentro no nosso recorte, narrativas que trazem contribuições significativas para o entendimento das ações alfabetizadoras do MOBRAL junto aos sujeitos sertanejos nas décadas de 1970 e 1980. Vejamos:

Era o novo! O novo que ia chegar para alfabetizar esse pessoal do sítio. Principalmente na zona rural a gente percebia o quanto as pessoas procuravam, por que não tinha outro projeto, outro programa que chegasse até lá, principalmente para essa faixa etária de idade que estavam afastados

das salas de aula por estarem trabalhando na roça, cuidando do gado essa coisa. E era uma oportunidade deles estudarem. (EX-ALFABETIZADORA DO MOBREAL).

Foi pelo MOBREAL que as pessoas que não tinham condições... Esse pessoal mais velho começou a ir pra escola. O MOBREAL trabalhou com velho, trabalhou com novo, com os empregados. Com os mais carentes, com tudo. Foi quando despertou o matuto pra ver que o mundo tem outro lado! (EX-SUPERVISORA DE ÁREA).

Existiu um significado muito forte na mobilização dos sujeitos jovens e adultos sertanejos que não contavam naquele contexto histórico com a possibilidade de frequentar outros espaços de alfabetização além daqueles oferecidos pelo MOBREAL.

Destacamos também, nas vozes dos ex-alunos, afirmações valorativas impactantes sobre o MOBREAL, conforme se seguem. Para um dos sujeitos, ex-aluno entrevistado⁸, com a alfabetização realizada pelo MOBREAL, ele conseguiu “melhorar de vida” e “sair um pouco da ignorância”, porque: “Se não fosse o MOBREAL não teria como nem eu nem outras pessoas, se não fosse o MOBREAL talvez eu hoje fosse analfabeto. (FERNANDO, 69 anos).”

Este depoimento, mesmo um tanto ingênuo, mostra o valor da alfabetização, mesmo centrada na codificação e decodificação, que permitiu ao Sr. Fernando, à época, identificar palavras, grafar o nome, locomover-se em Santana do Ipanema, o que se traduziu em “sair da ignorância” e “melhorar de vida”, em um local desprovido de outra possibilidade de acesso à escolaridade, independente de faixa etária.

Outro ex-alfabetizando destaca a relevância do Movimento para os sujeitos trabalhadores: “O MOBREAL foi quem abriu a mente mais um pouquinho do povo pra estudar, até pra quem não conhecia a escola, foi uma oportunidade pra quem trabalhava o dia todo, que tivesse coragem de ir estudar à noite” (JUVENAL, 63 anos). Mais uma vez o Movimento aparece, como a primeira oportunidade de alfabetização. Novamente Fernando (69 anos), nos diz:

⁸ No intuito de preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos na investigação utilizamos nomes fictícios para os ex-alunos.

E eu saí do MOBRAL alfabetizado, até por conta do meu esforço né? Cê sabe, na escola tem as pessoas que se esforçam mais de que os outros, uns vão buscar ali com toda garra [característica do sertanejo], e outros ficam à vontade. E eu era assim, **sempre tive muita vontade de aprender a ler, a escrever e também falar com palavras bonitas.**

O interlocutor complementa a sua fala anterior, demonstra que Freire (2011, p. 146), tem razão quando afirma que “A alfabetização não pode ser feita de cima para baixo como uma imposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador”. Ao valorizar o Movimento, valoriza também a si mesmo.

Nota-se a existência da ressignificação das práticas de alfabetização por parte dos sujeitos, que de forma estratégica encontraram significados naquele modelo de alfabetização que lhes era oferecido como a única oportunidade de aquisição de novos saberes. Ao analisarmos as circunstâncias nas quais essas pessoas encontravam-se, conseguimos entender que a aprendizagem proporcionada pelo Movimento atendeu aos anseios de muitos sertanejos que tinham naquele momento a única oportunidade de aprender as primeiras letras o que os leva a afirmar que o “MOBRAL foi um ponto positivo”.

Por meio das narrativas conseguimos perceber a intensa luta dos que puderam ter uma educação continuada, após o período de alfabetização, foi bem retratada nas falas dos ex-alunos do MOBREAL, que com esforços e intensas paixões pelo saber, realizaram sonhos, a exemplo de dona Josefa que se orgulha de ter sido alfabetizada pelo MOBREAL e é bem conceituada na comunidade local, porque:

Consegui chegar na faculdade, apesar de muita dificuldade que a gente passou né? Às vezes eu desistia, mas depois continuava de novo. Quando eu terminei a fase integrada, que eu fui fazer a quinta série, aí eu parei 12 anos, fiquei 12 anos parada, mas depois continuei (JOSEFA, 62 anos).

Fernando, a quem já nos referimos é também um exemplo. Segundo o declarante: “Quando surgiu o MOBREAL, foi a primeira oportunidade que eu encontrei e me encaixei logo, eu já tinha a força de vontade. Aí continuei e hoje sou professor, já me aposentei com trinta anos de trabalho (FERNANDO, 69 anos).”

Observamos que, tardiamente ou não, o MOBRAL ofereceu a possibilidade da continuidade dos estudos, por meio do Programa de Educação Integrada (PEI), embora muitas pessoas não tenham conseguido concluir o período de alfabetização e outras não tenham continuado os estudos. Essa era uma realidade muito distante na vida do sertanejo, porque a sua atuação não veio acompanhada de outras políticas públicas sociais, que permitissem, entre muitas necessidades, minimamente facilitar o deslocamento.

Dessa forma, a continuidade dos estudos parece ter sido um privilégio de poucos, sobretudo, daqueles que moravam na zona urbana e de algumas pessoas que moravam em localidades mais próximas da sede do município, e que apesar de enfrentarem uma maratona diária, deslocavam-se a pé de suas casas para chegarem aos locais onde estavam instaladas as salas do PEI, predominantemente em escolas.

Considerações finais

Nos é cabível apresentar como considerações finais, o fato que as vozes dos depoentes trouxeram reflexões diferenciadas sobre o MOBRAL, das que comumente esperamos, sobretudo, em relação ao lugar, o sertão santanense, de onde falaram esses sujeitos. Isso nos fez compreender e, sobretudo, perceber as ressignificações que podem ser construídas nas práticas desenvolvidas em um Movimento com a dimensão que teve o MOBRAL.

No que se refere ao significado das ações alfabetizadoras do MOBRAL a pesquisa evidenciou a forte aprovação do Movimento, uma vez que este se apresentava como a primeira oportunidade de acesso ao ensino para os sujeitos sertanejos entrevistados, que à época residiam na zona rural do município em estudo, o que dificultava ainda mais a apropriação de ações governamentais, de maior concentração na cidade sede do município.

Por motivos como estes, todos os sujeitos entrevistados, avaliaram de maneira positiva a atuação do Movimento no município de Santana do Ipanema, destacando

com saudosismo as contribuições advindas das ações de alfabetização e outras, que foram implementadas pelo MOBRAL no sertão alagoano nas décadas de 1970 e 1980. As contribuições que os sujeitos da pesquisa apresentaram foram diversas. Situam-se desde a possibilidade de apropriarem-se da leitura e da escrita, mesmo de forma mecânica à “elevação” da economia do comércio do município de Santana do Ipanema, que não foi objeto de estudo, neste artigo, devido à circulação dos recursos advindos, mensalmente, do pagamento da bolsa aos alfabetizadores, que possibilitou a complementação da renda de muitos sertanejos, que naquele momento histórico sofriam com a ausência de melhores fontes de renda, que garantissem o sustento de suas famílias.

No sentido das possibilidades concretas de prosseguimento dos estudos promovidas aos recém-alfabetizados pelo Movimento, a investigação apontou limitações. Entre elas, destacou-se a centralização do PEI, no município sede, o que inviabilizou a frequência da maioria dos alunos e alunas que moravam nas comunidades mais afastadas do perímetro urbano. Percebemos que a oportunidade de continuidade dos estudos foi possível somente para aqueles alfabetizando que, por meio de um grande esforço diário, puderam deslocar-se do seu *habitat* e frequentarem as aulas no período noturno, após uma cansativa jornada de trabalho.

A continuidade para a minoria dos ex-alunos foi considerada como divisor de água nas suas vidas, uma vez que, sem esta oportunidade, não teriam naquele contexto histórico a possibilidade de aprender a ler e escrever e “descobrir as coisas do mundo que o matuto não conhecia” (Fala de um interlocutor). Permitiu também exercerem funções na comunidade onde vivem, como ser comerciário, professor-a, entre outras.

Acreditamos ser conveniente estudar, também, os diversos programas implementados pelo Movimento no decorrer de sua trajetória, buscando compreender o valor dessas ações, sobretudo no sertão alagoano. O MOBRAL, nesta localidade, ainda carece de reflexões, uma vez que se configura um campo fértil, para pesquisa em Alagoas, devido à ausência de memória escrita.

THE MEMORY OF PRESERVATION: *The Value Of Historical Narratives In The (Re) Construction Of The Past*

Abstract: this work is an excerpt of a master's research conducted in the period 2011-2012, which focused place, after four decades, the impacts / brazilian movement contributions literacy (mobral) in the formation of backcountry's subjects. In this article, we attempt to present the readers' contributions memorialísticas narratives of Santana do Ipanema of sertanejos - Alagoas, participants of MOBREAL shares in the period from 1970 to 1985. The corpus consisted of the narratives arising from semi-structured interviews. Due to lack of memory write resort, a qualitative approach of oral history, based Bosi (1994), Halbwachs (2006) Pollak (1989), Portelli (1997) and P. Thompson (1992). We emphasize the importance of memory for the evocation of muted past, from the perspective of the people who actually experienced the event, in case the subject of this investigation. This positioning of the fight to preserve the memory in order to reinterpret the past through the traces of memory, comes from the assumption that the facts that were not recorded in official documents have, in oral testimony, the opportunity to be counted through narratives of ordinary and anonymous subject of minority cultures Certeau (2011 b), Benjamin (2012) Thompson, EP (1998). People interviewed assessed positively the movement's activities in the municipality of Santana do Ipanema - Alagoas hinterland, oozing with nostalgia the contributions from the literacy and other actions that have been implemented by MOBREAL in hinterland community.

Keywords: mobral - oral history - memory - hinterland alagoas - subject hinterland.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Quando a gente não espera, o sertão vem:** Grande Sertão: veredas, uma interpretação da história do Brasil e de outros espaços. Uberlândia: ArtCultura, n. 18, p. 195-205, jan./jun. 2009.

_____. Distante e/ou do instante: "sertões contemporâneos", as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (Org.). **Culturas dos sertões.** Salvador: EDUFBA, 2014.

BAUER, Martin W. *et alii.* **Pesquisa qualitativa com o texto:** imagem e som; um manual prático. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da escrita. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (obras Escolhidas v.1)

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011a.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; GOMES, Geisa Genaro; SILVA, Leila Cristina Borges da. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JANNUZZI, Gilberta Martino. **Confronto pedagógico**: Paulo Freire e MOBRAL. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1987.

MELO, Adriana Ferreira. **O lugar-sertão**: grafias e rasuras. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MOURA, Tânia Maria de Melo; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. A Educação de Jovens e Adultos em Alagoas: incursões na história das – ações e concepções em âmbito governamental (1960-1980). In: GRACINDO, Regina Vinhaes et al. (Org.). **Educação como exercício de diversidade**: estudos em campos de desigualdades sócio-educacionais. Brasília, DF: Liber Livro, 2007.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

POLLACK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio**”. *Estudos Históricos*, vol. 2, n.3, 1989. p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. *Proj. História*, São Paulo (14), fev. 1997.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 20. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.